

GUIÃO PEDAGÓGICO

VILA NOVA DA BARQUINHA

(Guião 13)

PROGRAMA DE VISITAS DE ESTUDO

Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo



Cofinanciado por:



Apresentação

A Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo (CIMT) determinou no seu *Plano Estratégico de Desenvolvimento Intermunicipal da Educação* (PEDIME) um conjunto de medidas que, através da Educação, concorrem para a *coesão sustentável do território*.

Para responder ao *Programa de Visitas de Estudo*, medida integrada no PEDIME, e ao encontro da promoção da cultura científica, das artes e das competências metacognitivas (desenvolvimento de maneiras de pensar os problemas), estabeleceu como ação estratégica a construção de um conjunto de guiões pedagógicos de apoio a visitas de estudo.

O traço estruturante deste projeto foi a conexão entre *património*, *currículo* e *visitas de estudo*. A criação de 45 guiões pedagógicos, direcionados à planificação curricular e didática de visitas de estudo, foi organizada pelo CICS.NOVA e uma equipa de professores/investigadores, em articulação com a área da Educação, Cultura e Turismo dos Municípios e Agrupamentos que integram a CIMT e serviços educativos dos espaços.

A metodologia desenvolvida procurou promover a capacidade de *mobilização de conhecimento para a resolução de problemas* ou para o desenvolvimento de projetos que, partindo do contexto geográfico e cultural, possam conduzir o(a) aluno(a) a consolidar e a desenvolver os seus conhecimentos, bem como o desenvolvimento de competências sociais, cognitivas e metacognitivas.

Fomentar momentos de debate, reflexão conjunta, de configuração de soluções às problemáticas apresentadas fizeram parte dos objetivos deste projeto que alia a descoberta à criação e que *promove o conhecimento sobre o território da CIMT* como espaço de aprendizagem científica e cultural e o desenvolvimento do que poderemos designar por turismo escolar e *valorização de diferentes tipos de património*, tendo como público não só as escolas e agrupamentos de escolas da região, mas igualmente do resto do país.

Metodologia¹

Diversos estudos sobre o papel das visitas de estudo na educação apontam para a sua prática pedagógica como uma estratégia que promove o *desenvolvimento de competências intersociais e científicas e potencia as aprendizagens de diferentes áreas disciplinares*.

Partindo das perspetivas de currículo integrado questionou-se sobre **como planificar curricular e didaticamente visitas de estudo**.

A *integração curricular*, na prática, começa com a identificação de questões, temas organizacionais, unidades temáticas ou núcleos de experiências perante a aprendizagem. Assim, a estratégia metodológica privilegiada na construção destes guiões considerou uma aprendizagem baseada em problemas, formulados a partir do questionamento dos espaços a visitar, considerando os conteúdos curriculares do ensino básico e a metodologia de projeto, com a proposta de construção de um **portefólio de aprendizagens**.

A planificação *didática da visita de estudo* foi organizada segundo os pressupostos:

- **Validade** – atende à articulação entre espaço e currículo.
- **Utilidade** – compreende a oportunidade de explorar os conteúdos curriculares em novos ambientes educativos, catalisadores na mobilização de competências para a resolução de problemas.
- **Significação** – considera as experiências vivenciadas pelos(as) aluno(as) e está por isso associada à ligação entre o conhecido, o vivenciado e a novidade.
- **Adequação** - contabiliza o desenvolvimento integral de todos os(as) alunos(as) de acordo com os documentos curriculares, normativos.
- **Flexibilidade** - determina relações interdisciplinares, num ambiente pluri/multidisciplinar.
- **Avaliação** - atende à construção de instrumentos de monitorização e avaliação das aprendizagens, em articulação com os procedimentos organizacionais de autoavaliação e avaliação externa.

Os 45 guiões pedagógicos organizados constituem-se referências num *plano de desenvolvimento curricular de nível meso* e propõem práticas curriculares situadas sobre a intervenção didática, contextualizada e integrada, mas a adaptar aos documentos internos que regem a

¹ Organizada pela equipa científica.

ação educativa de cada agrupamento de escolas.

Espaço

A definição dos espaços reconhece uma análise prévia construída a partir de códigos reflexivos e de *carácter patrimonial, identitário e científico*.

Problemática

A problemática é desenvolvida tendo em conta o espaço e os conteúdos curriculares/programáticos das diferentes componentes ou área disciplinar/disciplina. Na problemática pode existir uma ou mais *questões nucleares* que orientam a construção do guião. A exploração da problemática deve contribuir para uma *melhor compreensão dos desafios locais/regionais*, impacto nacional e também pode conduzir a um projeto de valorização ou *intervenção pelo desenvolvimento sustentável da região*.

Conhecimentos e Competências

Partindo dos documentos curriculares, nomeadamente as aprendizagens essenciais e perfil do aluno, determinam-se os ciclos, anos de escolaridade, conhecimentos e respetivas competências, que de forma horizontal ou vertical promovem a interdisciplinaridade, nos processos e produtos da aprendizagem.

Fases da Visita de Estudo

Os guiões de visitas de estudo procuram potenciar as maneiras de pensar do(a) aluno(a) ao longo dos diferentes momentos, numa perspectiva investigativa. A partir da problemática definida, sugere-se a promoção da relação investigador/objeto, bem como a reflexão sobre a finalidade da atividade científica e a intencionalidade da aprendizagem.

Antes da visita de estudo

Construir a contextualização histórica sobre o espaço e as atividades a desenvolver com os(as) alunos(as) para a exploração da problemática, considerando e adaptando às diferentes componentes ou área disciplinar/disciplina. Fomentar, igualmente, a criação de hipóteses. Neste momento, estabelece-se o protocolo de preparação da saída e trabalho de campo,

em articulação com o espaço, definindo a realização de uma visita guiada ou autónoma.

Durante a visita de estudo

Aplicar o protocolo de recolha de dados segundo os materiais didáticos/pedagógicos e instrumentais construídos, adaptado às diferentes componentes ou área disciplinar/disciplina e à tipologia de visita de estudo.

Após a visita de estudo

Implementar atividades que orientem os alunos a organizarem e a integrarem a aprendizagem efetuada antes e durante a visita, de modo a responderem à problemática de partida. Promover a divulgação das conclusões e recomendações da problemática estudada à comunidade. Finalizar o portefólio.

Avaliação

Portefólio, autoavaliação, entre outros instrumentos a definir pelo grupo de professores (as).

Oportunidades/Possibilidades do Guião-tipo:

- Reconfigurar o espaço e outros conhecimentos e competências.
- Promover a articulação entre guiões.
- Organizar outras problemáticas sobre o mesmo espaço, ou novos espaços para uma mesma problemática.

Referências:

- Anderson, D. M. (2013). Overarching goals, values, and assumptions of integrated curriculum design. *SCHOLE: A Journal of Leisure Studies and Recreation Education*, 28(1), 1-10
- Beane, J. A. (2016). *Curriculum integration: designing the core of democratic education*. New York: Teachers College Press.
- Behrendt, M., & Franklin, T. (2014). A review of research on school field trips and their value in education. *International Journal of Environment and Science Education*, 9, 235-245
- Chun, M. S., Kang, K. I., Kim, Y. H., & Kim, Y. M. (2015). Theme-Based Project Learning: Design and Application of Convergent Science Experiments. *Universal Journal of Educational Research*, 3(11), 937-942
- Dewitt, J. & Storksdieck, M. (2008). A Short Review of School Field Trips: Key Findings from the Past and Implications for the Future. *Visitor Studies*, 11 (2), 181-197
- Pombo, O., Guimarães, H. M. & Levy, T. (1994). *Interdisciplinaridade: reflexão e experiência*. Coleção Educação Hoje. Lisboa: Texto Editora.
- Pombo, O., Guimarães, H. M. & Levy, T. (Org) (2006). *Interdisciplinaridade: Antologia*. Coleção Campo das Ciências. Porto: Campo das Letras.
- Rennie, L. J. (2007). Learning science outside of school. In N. Lederman & S. Abel (Eds.), *Handbook of research on science education*, 125-167. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Roldão, M.C. & Almeida, S. (2018). *Gestão Curricular - Para a Autonomia das Escolas e Professores*. Coleção Autonomia e Flexibilidade Curricular. Lisboa: DGE.
- Savery, J. R. (2015). Overview of problem-based learning: Definitions and distinctions. Essential readings in *Problem-based learning: Exploring and extending the legacy of Howard S. Barrows*, 9, 5-15
- Savin-Baden, M., & Major, C. (2004). *Foundations of problem-based learning*. Maidenhead, UK: Open University Press.



GUIÃO PEDAGÓGICO

VILA NOVA DA BARQUINHA

VISITA DE ESTUDO:

Castelo de Almourol

CITA - Centro de Interpretação Templário de Almourol



Castelo de Almourol

CITA - Centro de Interpretação Templário de Almourol

CONTACTOS

CITA | Castelo de Almourol

Morada: Centro Cultural de Vila Nova da Barquinha - Largo 1º de Dezembro, 2260-403 Vila Nova da Barquinha

Telefone: +351 249 720 358

Email: cita@cm-vnbarquinha.pt

GPS: 39.457788,-8.432549

SINOPSE

Questionar a localização do Castelo de Almourol é o mote para refletir sobre questões estratégicas essenciais, sobretudo durante o processo de reconquista dos cristãos.

No 1.º CEB o espaço pode ser amplamente aproveitado para atividades de experimentação e criação, relacionadas com diferentes expressões artísticas (Teatro, Música, Dança) mas, também, com o Português, a Matemática, o Estudo do Meio. No 2.º CEB sugere-se a relação entre a História e Geografia de Portugal com o Português e a Matemática, num aproveitamento do espaço que permita fazer cálculos, identificar particularidades, contextualizar. No 3.º CEB também o espaço envolvente é incluído e reúnem-se conhecimentos de História, Geografia, Ciências Naturais, Matemática e Português, sempre com o intuito de localizar, analisar aspetos específicos, calcular áreas, interpretar a paisagem envolvente, contextualizar e justificar a construção de Almourol.

Nesse sentido, e tendo em conta o que foi dito e as propostas de abordagem pelas diferentes áreas, propõe-se a visualização de imagens de satélite, fotografias da perspetiva aérea, a análise das lendas associadas ao local e o cálculo de áreas e volumes. Durante a visita recolhem-se dados concretos, observa-se, regista-se, georreferencia-se. Depois pretende-se responder à problemática, reunindo todos os materiais, todas as informações, comparando. A dramatização de um episódio é também uma sugestão para levar a cabo depois da visita ou mesmo no próprio local.



Colaborado por:
CENTRO



União Europeia
European Union

PROBLEMÁTICA

Qual a importância estratégica do Castelo de Almourol relativamente ao rio Tejo e ao território nacional?

Porquê um castelo no meio do rio Tejo?

CONHECIMENTOS E COMPETÊNCIAS

Indicar conhecimentos e competências por área disciplinar/disciplina, de acordo com os documentos curriculares de referência, nomeadamente as aprendizagens essenciais e perfil do aluno, para maior articulação (horizontal ou vertical).

1.º CEB	
Conhecimentos	Competências
<p>Estudo do Meio 3.º e 4.º Anos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sociedade - Natureza - Tecnologia 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer as unidades de tempo; relacionar datas e factos importantes para a compreensão da história local (batalhas, lendas históricas, personalidades históricas); conhecer vestígios do passado local - construções (castelos); reconhecer a importância do património histórico local; construir um friso cronológico com os factos e as datas relevantes da História de Portugal. - Utilizar diversos processos para referenciar os pontos cardeais (posição do Sol, bússola, estrela polar), na orientação, localização e deslocação à superfície da Terra. - Manusear operadores tecnológicos (alavanca, roldana) de acordo com as suas funções, princípios e relações na construção de uma maquete de porta de castelo; identificar diferenças e semelhanças entre o passado e o presente de um lugar quanto a aspetos naturais, sociais, culturais e tecnológicos.
<p>Matemática 3.º e 4.º Anos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Medida: <ul style="list-style-type: none"> • Comprimento e Área • Volume e Capacidade - Organização e tratamento de dados <ul style="list-style-type: none"> • Representação e interpretação de dados - Resolução de problemas <ul style="list-style-type: none"> • Raciocínio matemático • Comunicação matemática 	<ul style="list-style-type: none"> - Medir comprimentos, áreas, volumes, capacidades e massas, utilizando e relacionando as unidades de medida do SI e fazer estimativas de medidas, em contextos diversos; conceber e aplicar estratégias na resolução de problemas envolvendo grandezas e propriedades das figuras geométricas no plano e no espaço, em contextos matemáticos e não matemáticos, e avaliar a plausibilidade dos resultados. - Analisar e interpretar informação de natureza estatística; reconhecer e dar exemplos de acontecimentos certos e impossíveis, possíveis (prováveis e pouco prováveis). - Planear e conduzir investigações usando o ciclo da investigação estatística (formular questões, escolher métodos de recolha de dados,

1.º CEB	
Conhecimentos	Competências
	selecionar formas de organização e representação de dados, analisar e concluir).
<p>Português 3.º e 4.º Anos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Leitura - Escrita - Gramática 	<ul style="list-style-type: none"> - Ler textos com características narrativas e descritivas (lendas); mobilizar experiências e saberes no processo de construção de sentidos do texto; exprimir uma opinião crítica acerca de aspetos do texto (do conteúdo e/ou da forma). - Utilizar processos de planificação, textualização e revisão, realizados de modo individual, a pares e/ou em grupo; superar problemas associados ao processo de escrita por meio da revisão com vista ao aperfeiçoamento de texto; escrever textos de géneros variados, adequados a finalidades distintas, organizados em parágrafos, coesos, coerentes e adequados às convenções de representação gráfica. - Mobilizar conhecimentos adquiridos e explicitar regras de ortografia.
<p>Educação Artística – Teatro 3.º e 4.º Anos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apropriação e reflexão - Interpretação e comunicação - Experimentação e criação 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer a dimensão multidisciplinar do teatro, identificando relações com outras artes e áreas de conhecimento; reconhecer diferentes formas de um ator usar a voz e o corpo para caracterizar personagens e ambiências. - Estabelecer relação entre acontecimentos da vida real e as situações dramáticas desenvolvidas em aula. - Explorar as possibilidades motoras e expressivas do corpo; adequar as possibilidades expressivas da voz; transformar o espaço com recurso a elementos plásticos/cenográficos e tecnológicos; transformar objetos, experimentando intencionalmente diferentes materiais e técnicas; construir personagens, em situações distintas e com diferentes finalidades; produzir, sozinho e em grupo, pequenas cenas a partir de dados reais ou fictícios, através de processos espontâneos e/ou preparados.
<p>Educação Artística – Música 3.º e 4.º Anos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Experimentação e criação - Interpretação e comunicação - Apropriação e reflexão 	<ul style="list-style-type: none"> - Criar, em grupo, ambientes sonoros, pequenas peças musicais, ligadas ao vivenciado e ao imaginário, utilizando diferentes fontes sonoras. - Realizar sequências de movimentos corporais em contextos musicais; apresentar publicamente atividades artísticas em que se articula a música com outras áreas do conhecimento. - Produzir, em grupo, material escrito, audiovisual e multimédia, utilizando vocabulário apropriado, reconhecendo a música como construção social, património e fator de identidade cultural.

1.º CEB	
Conhecimentos	Competências
<p>Educação Artística – Dança</p> <p>3.º e 4.º Anos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apropriação e reflexão - Interpretação e comunicação - Experimentação e criação 	<ul style="list-style-type: none"> - Distinguir diferentes possibilidades de movimentação do Corpo através de movimentos locomotores e não locomotores, diferentes formas de ocupar/evoluir no Espaço, ou na organização da forma; adequar movimentos do corpo com estruturas rítmicas marcadas pelo professor, integrando diferentes elementos do Tempo e da Dinâmica. - Interagir com os colegas, no sentido da procura do sucesso pessoal e o do grupo, na apresentação da performance, e com as audiências, recebendo e aceitando as críticas. - Recriar sequências de movimentos a partir de temáticas, situações vivenciadas ou imaginadas, solicitações do professor, evidenciando capacidade de exploração e de composição; construir, de forma individual e/ou em grupo, sequências dançadas/pequenas coreografias a partir de estímulos vários, ações e/ou temas, mobilizando os materiais coreográficos desenvolvidos; criar, de forma individual ou em grupo, pequenas sequências de movimento e/ou composições coreográficas a partir de dados concretos ou abstratos, em processos de improvisação e composição.

2.º CEB	
Conhecimentos	Competências
<p>História e Geografia de Portugal</p> <p>5.º Ano</p> <ul style="list-style-type: none"> - Processo de ocupação e relações entre muçulmanos e cristãos na Península Ibérica. - A formação do Reino de Portugal. - O movimento de conquista cristã. - A defesa do território e o papel das ordens militares. - A luta de D. Afonso Henriques pela independência. 	<ul style="list-style-type: none"> - Analisar o processo muçulmano de ocupação da Península Ibérica, reconhecendo a existência de interações de conflito e de paz. - Identificar aspetos da herança muçulmana na Península Ibérica. - Identificar/aplicar os conceitos: árabe, muçulmano, mouro, reconquista. - Contextualizar a formação do Reino de Portugal no movimento de conquista cristã, ressaltando episódios de alargamento do território e da luta de D. Afonso Henriques pela independência.
<p>Português</p> <p>5.º e 6.º Anos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Oralidade - Leitura - Escrita - Gramática 	<ul style="list-style-type: none"> - Intervir, com dúvidas e questões, em interações com diversos graus de formalidade, com respeito por regras de uso da palavra. - Comunicar, em contexto formal, informação essencial (paráfrase, resumo) e opiniões fundamentadas.

2.º CEB	
Conhecimentos	Competências
	<p>- Ler textos com características narrativas e expositivas, associados a finalidades lúdicas, estéticas e informativas e em suportes variados.</p> <p>- Escrever textos em que se defenda uma posição com argumentos e conclusão coerentes, individualmente ou após leituras feitas e discussão de diferentes pontos de vista.</p> <p>- Utilizar apropriadamente os tempos verbais na construção de frases complexas e de textos.</p>
<p>Matemática</p> <p>5.º e 6.º Anos</p> <p>- Geometria e Medida</p> <ul style="list-style-type: none"> • Figuras planas e sólidos geométricos • Medida 	<p>- Descrever figuras no plano e no espaço com base nas suas propriedades e nas relações entre os seus elementos e fazer classificações explicitando os critérios utilizados.</p> <p>- Calcular perímetros e áreas de figuras planas, incluindo o círculo, recorrendo a fórmulas, por enquadramento ou por decomposição e composição de figuras planas.</p>

3.º CEB	
Conhecimentos	Competências
<p>História</p> <p>7.º Ano</p> <p>- Ocupação muçulmana e resistência cristã.</p> <p>- A importância da aristocracia guerreira e do clero cristão na regulação da sociedade medieval.</p> <p>- A formação do Reino de Portugal.</p> <p>- A luta de D. Afonso Henriques pela independência.</p> <p>- As dinâmicas de interação entre as unidades políticas cristãs e a reconquista.</p>	<p>- Localizar no tempo a ocupação e a presença da civilização muçulmana na Península Ibérica.</p> <p>- Reconhecer alguns contributos dos muçulmanos no domínio científico.</p> <p>- Reconhecer na Península Ibérica a existência de diferentes formas de relacionamento entre cristãos, muçulmanos e judeus.</p> <p>- Descrever a formação do Reino de Portugal, nomeadamente a luta de D. Afonso Henriques pela independência.</p> <p>- Relacionar a formação do Reino de Portugal com as dinâmicas de interação entre as unidades políticas cristãs e com a reconquista.</p>
<p>Geografia</p> <p>7.º Ano</p> <p>- A terra: Estudos e representações</p> <p>- Meio natural - relevo</p>	<p>- Elaborar esboços da paisagem descrevendo os seus elementos essenciais.</p> <p>- Descrever a localização relativa de um lugar, em diferentes formas de representação da superfície terrestre, utilizando a rosa dos ventos.</p> <p>- Descrever a localização absoluta de um lugar, usando o sistema de coordenadas geográficas (latitude, longitude), em mapas de pequena escala com um sistema de projeção cilíndrica.</p>
<p>Ciências Naturais</p> <p>7.º Ano</p> <p>- Rochas sedimentares e magmáticas</p>	<p>- Interpretar informação relativa ao ciclo das rochas, integrando conhecimentos sobre rochas sedimentares, magmáticas e metamórficas.</p>

3.º CEB	
Conhecimentos	Competências
- Aplicação das rochas na sociedade	- Relacionar algumas características das rochas e a sua ocorrência com a forma como o Homem as utiliza.
<p>Matemática</p> <p>7.º e 8.º Anos</p> <p>- Geometria e Medida</p> <ul style="list-style-type: none"> • Figuras geométricas • Áreas e volumes • Semelhanças <p>- Álgebra</p> <ul style="list-style-type: none"> • Proporcionalidade direta e determinação de escalas 	<p>- Reconhecer o significado de fórmulas para o cálculo de áreas de polígonos (polígonos regulares e trapézios) e usá-las na resolução de problemas em contextos matemáticos e não matemáticos.</p> <p>- Analisar sólidos geométricos, incluindo pirâmides e cones, identificando propriedades relativas a esses sólidos.</p> <p>- Analisar figuras geométricas planas e tridimensionais, incluindo a circunferência, o círculo e a esfera, identificando propriedades relativas a essas figuras.</p> <p>- Reconhecer o significado de fórmulas para o cálculo de áreas da superfície e de volumes de sólidos.</p> <p>- Utilizar os critérios de igualdade e de semelhança de triângulos na sua construção e na resolução de problemas, em contextos matemáticos e não matemáticos.</p>
<p>Geografia</p> <p>8.º Ano</p> <p>- População e povoamento - mobilidade; áreas de fixação humana.</p>	<p>- Localizar cidades, em mapas de diferentes escalas.</p> <p>- Enunciar fatores responsáveis pelos padrões da organização das áreas funcionais da cidade, interpretando plantas funcionais.</p>
<p>Português</p> <p>7.º e 8.º Anos</p> <p>- Oralidade</p> <p>- Leitura</p> <p>- Escrita</p> <p>- Gramática</p>	<p>- Usar a palavra com fluência, correção e naturalidade em situações de intervenção formal, para expressar pontos de vista e opiniões e fazer a exposição oral de um tema.</p> <p>- Ler textos com características narrativas e expositivas, associados a finalidades lúdicas, estéticas e informativas e em suportes variados.</p> <p>- Explicitar o sentido global de um texto, com base em inferências, devidamente justificadas.</p> <p>- Elaborar textos que cumpram objetivos explícitos quanto ao destinatário e à finalidade (informativa ou argumentativa) no âmbito de géneros como: resumo, exposição, opinião, comentário, e resposta a questões de leitura.</p> <p>- Utilizar apropriadamente os tempos verbais na construção de frases complexas e de textos.</p>

COMPETÊNCIAS TRANSVERSAIS

(Perfil do Aluno)

- Discutir conceitos ou factos, articular saberes numa perspetiva disciplinar e interdisciplinar.
- Desenvolver a capacidade e o gosto pela pesquisa, a aptidão e a predisposição para procurar, selecionar e organizar informação em vários suportes e contextos.
- Interpretar problemáticas do meio com base em conhecimentos adquiridos, aplicando-os em diferentes contextos.
- Interpretar dados expressos em tabelas, gráficos e figuras.
- Desenvolver raciocínio e resolução de problemas.
- Reconhecer que a ciência, a tecnologia e a sociedade estabelecem relações de interdependência entre si.
- Desenvolver o saber científico técnico e tecnológico.
- Utilizar diversas linguagens e processos narrativos.
- Valorizar diferentes tipos de património.
- Analisar factos e situações, selecionando elementos ou dados históricos.
- Debater por domínios a conceção de cidadania ativa (desenvolvimento sustentável, educação ambiental, empreendedorismo, instituições e participação democrática, literacia financeira, risco).
- Desenvolver a sensibilidade estética e artística, despertando, o gosto pela apreciação e fruição das diferentes circunstâncias culturais.
- Utilizar as tecnologias da informação e comunicação e a biblioteca escolar para maior autonomia na realização das aprendizagens curriculares, de natureza recreativa, cívica e cultural.
- Mobilizar as TIC e as TIG para representar diferentes tipos de informação.
- Adquirir hábitos e métodos de estudo e de trabalho que promovam o tratamento da informação, a comunicação, a construção de estratégias cognitivas e o relacionamento interpessoal ou de grupo.
- Participar responsabilmente, com espírito de iniciativa e autonomia.
- Pensar crítica, reflexiva e criativamente a realidade, dotado de literacia cultural, científica e tecnológica, que lhe permita analisar, questionar e avaliar a informação, formular hipóteses e tomar decisões fundamentadas no seu dia-a-dia.
- Respeitar-se a si mesmo e ser solidário com os outros.
- Aspirar ao trabalho bem feito, ao rigor e à superação, ser perseverante, resiliente perante as dificuldades.
- Formular questões e hipóteses, fazer inferências, comprovar resultados e saber comunicá-los, reconhecendo como se constrói o conhecimento.

FASES DA VISITA DE ESTUDO

A - Ações a desenvolver antes da visita de estudo

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática da visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.

Almourol foi sucessivamente ocupado por romanos, alanos, visigodos, muçulmanos. Situado numa pequena ilhota, um afloramento granítico, Almourol era muito importante para conter a progressão dos muçulmanos para norte, protegendo assim a capital do Reino, Coimbra.

Durante a reconquista cristã, a “linha do Tejo” foi fundamental para tentar impedir a progressão dos muçulmanos.

O rio Tejo constituía uma linha de separação entre os territórios cristãos do norte e as terras do sul, ainda na posse dos muçulmanos. Os cavaleiros Templários receberam, de Afonso Henriques, grandes doações de territórios na margem direita do Tejo, mas recebem também uma missão: construir, ao longo do rio, uma linha defensiva de castelos que impedisse a passagem do inimigo árabe.

Regressado da Terra Santa, onde combateu durante cinco anos, D. Gualdim foi escolhido para Mestre dos Templários, com o apoio do rei que com ele crescera e de quem era companheiro de armas.

O novo Mestre iniciou a sua imensa tarefa com a construção do castelo de Tomar, sede dos Templários portugueses e «quartel-general» da linha de defesa do Tejo. Depois, continuou rio acima, de Almourol a Monsanto, até à região de Castelo Branco, junto à fronteira com Castela, tornando-se no maior construtor de castelos do Portugal medieval. (Teixeira (coord.), 2014, p. 7)

Sobre a Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão, posteriormente Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo:

Hugues de Payen e Godefroy de Saint-Omer, tendo decidido consagrar-se a Cristo, partiram, em 1096, para Constantinopla, onde, alegadamente, terão sido incumbidos de fundar uma Ordem militar religiosa. Vinte e dois anos mais tarde, em 1118, já em Jerusalém, e depois de terem convocado sete outros companheiros reputados pela sua sagesa e valentia, consagrar-se-iam a Deus adoptando a *Regra dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho*, desempenhando as suas funções com hábitos seculares e acumulando as dádivas dos peregrinos generosos. A designação de Templários advir-lhes-ia, justamente, da circunstância de, em reconhecimento pelos serviços prestados, o Rei Balduino II lhes haver cedido umas dependências do seu palácio, situadas no Monte do Templo, no próprio local onde Salomão erguera o seu Templo. Na sessão de 14 de Janeiro de 1128, o Concílio de Troyes decidiu, a instâncias do Papa Honório e de Estêvão, Patriarca de Jerusalém, atribuir-lhes, em substituição da agostiniana, uma *Regra* própria e particular, cuja redacção seria patrocinada pelo abade de Claraval, São Bernardo, ele próprio autor de um panegírico *Em Louvor da Nova Milícia*. Remonta, portanto, a 1128 a constituição efectiva da Ordem do Templo, por sinal o exacto ano em que se assinala o nascimento de Portugal como estado independente, de facto. Apesar de documentada desde cerca de 1125 a presença de procuradores da Ordem no território portugalense, só a partir de então o Templo começaria a arrecadar bens a um ritmo que não oferece dúvidas quanto à receptividade que aqui encontrara o seu ideário, ao ponto de o próprio Afonso Henriques se haver feito *confrade* da Milícia, consoante o próprio expressamente declara na confirmação da doação do castelo de Soure aos Templários (1128). A importância crescente que a Ordem do Templo havia de assumir é, todavia, indissociável do papel preponderante que esse instituto, criado expressamente para custodiar e defender os lugares santos da terra e seus peregrinos, iria desempenhar na geopolítica peninsular (sua IX Província), terreno reconhecidamente privilegiado para o contacto com formas singulares de espiritualidade e, nomeadamente, com a herança do mundo antigo, preservada pelo Islão. O mapa do Portugal templário denota, não obstante o mutismo dos acervos arquivísticos disponíveis, as opções subjacentes à estratégia dos dignitários provinciais no que concerne à integração na sua jurisdição de regiões coesas por via da administração consentânea das respectivas idiosincrasias e virtualidades. A ordem de prisão de todos os Templários, emitida pelo rei de França e concretizada na madrugada de sexta-feira, 13 de Outubro de 1307, e o processo subsequente, cujo móbil nunca ficou cabalmente esclarecido (apesar das acusações de idolatria e apostasia), havia de determinar a suspensão canónica da Ordem do Templo, em 22 de Março de 1312, mediante a bula *Vox in Excelsis* de Clemente V.

A - Ações a desenvolver antes da visita de estudo

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática da visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.

A Ordem de Cristo foi instituída pela Bula *Ad ea ex quibus cultus angestur Divinus* (14 de Março de 1319), do Papa João XXII, sucedendo à Ordem do Templo em Portugal, da qual se tornou a legítima e universal herdeira. A missão dos únicos sucessores legítimos dos Templários, sancionada pela bula *Illius qui*, de 19 de Dezembro de 1442, compelia-os a acorrerem todos à conquista e libertação das terras em que houvesse inimigos da cruz de Cristo, "sob a bandeira da Milícia". (Texto da exposição permanente do Centro de Interpretação Templário de Almourol - CITA)

Depois de conquistado por Afonso Henriques em 1129, o castelo (que tinha a designação de Almolrolan) foi doado a Gualdim Pais, Mestre da Ordem dos Templários. Foi então reconstruído, adquirindo as características da arquitetura militar templária – uma certa austeridade, muralhas altas, nove torres circulares, uma torre de menagem quadrangular, com três pisos originais, não adossada às muralhas, isolada dos muros da alcáçova (é uma estrutura defensiva dentro da própria estrutura defensiva das muralhas).

Como já foi referido, os cavaleiros da Ordem dos Templários ou Ordem do Templo tiveram grande responsabilidade pela construção da linha defensiva do Tejo. O fundador da Ordem do Templo em Portugal, o Grão-Mestre Gualdim Pais era amigo de D. Afonso Henriques e com a experiência guerreira que tinha adquirido na Terra Santa, ajudou o monarca na defesa do rio Tejo e dos territórios cristãos.

Aqueles monges guerreiros deviam proteger os lugares santos, os peregrinos e defender os cristãos. Nesse sentido, o seu auxílio aos reis cristãos foi precioso durante todo o processo da reconquista e, por outro lado, as suas construções permitiam continuar a controlar o território já conquistado e, também, contribuir dessa forma para o repovoamento da região.

Como refere Barroca (2001),

O ano de 1171 foi ainda o ano da construção do Castelo de Almourol. Este castelo, erguido numa pequena ilha rochosa no leito do rio Tejo, é talvez o mais conhecido dos castelos portugueses dos Templários. O local foi escolhido porque permitia controlar um vau onde se transpunha o Tejo. Na realidade, quem pretendia atravessar o Tejo podia socorrer-se de barcas de passagem na zona de Lisboa e de Santarém, ou recorrer ao vau na zona de Almourol. A multiplicação de castelos erguidos pelos Templários na margem Norte do Tejo nesta zona - onde, de montante para jusante, se alinhavam os castelos de Zêzere, Almourol e Cardiga – revela a importância estratégica deste ponto de passagem que estava igualmente associado à estrada medieval que passava por Tomar e seguia pela Ladeia até à zona de Coimbra (p.223).

Nota adicional: Almourol foi, durante o Estado Novo, residência oficial.

Para iniciação à exploração da problemática que se associa ao espaço do Castelo de Almourol, sugerem-se algumas atividades a realizar com os alunos, antes da visita de estudo:

A.1. Visualizar imagens de satélite em <https://www.google.pt/maps/place/Almourol/@39.4620157,-8.3937548,3068m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xd18646fe500a7af:0xcbccca90c11d3059!8m2!3d39.462!4d-8.385> (e.g. Figura 1) porque permite ver a localização, a estrutura e a torre de menagem.

A.2. Observar fotografias (que podem ser recolhidas, por exemplo, em <http://myguide.iol.pt/profiles/blogs/o-castelo-de-almourol-erguido>)

A.3. Visualizar um pequeno filme promocional da Câmara Municipal de Vila Nova da Barquinha intitulado "Os Templários em Almourol" (4min): <https://www.youtube.com/watch?v=9z1c-gJcoyM>

A.4. Sintetizar as principais informações.

A - Ações a desenvolver antes da visita de estudo

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática da visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.



Figura 1. Imagem de satélite do Castelo de Almourol. (Fonte: Google Maps)

A.5. Construir um portefólio sobre a problemática e associada ao Castelo. Definir a estrutura do portefólio considerando os elementos reunidos nas diversas atividades propostas e ao longo dos três momentos, antes, durante e depois da visita de estudo.

A. 6. Partir das lendas que existem (a Lenda de D. Beatriz e o Moiro In <https://lifestyle.sapo.pt/casa-e-lazer/viagens-e-turismo/artigos/10-curiosidades-sobre-os-castelos-portugueses>, a Lenda de Almolon ou a Lenda do Assalto ao Castelo) e procurar:

- A.6.1.** Identificar a época;
- A.6.2.** Reconhecer o tipo de personagens e grupos sociais;
- A.6.3.** Identificar os confrontos ideológicos e militares;
- A.6.4.** Relacionar todos os anteriores elementos com o período histórico em questão.

A.7. Recorrer à Biblioteca Escolar para pesquisar sobre as tarefas propostas em A.6. e recolher a bibliografia que apoia os dados recolhidos.

Na biblioteca escolar também pode ser explorado o audiolivro de Cristina Borges, *O Castelo de Almourol*, Coleção Era uma vez uma Maravilha..., n.º 4. Lisboa: ed. Tugaland, Edições Multimédia, 2007. Um conto infantil sobre o Castelo de Almourol, integrado na coleção de 21 áudio livros "Era uma vez uma maravilha", organizada na altura da eleição das 7 Maravilhas de Portugal.

A.8. Identificar figuras geométricas planas em que se possa fazer a decomposição das muralhas, preparando o estudo para o cálculo de áreas e volumes dessas componentes. Procurar traçar a planta da fortaleza à escala, ou parte desta, consoante a informação reunida. Preparar instrumentos para calcular a altura de algumas muralhas usando processos matemáticos.

A.9. Preparação e organização de materiais de apoio ao trabalho de campo (grelhas de recolha de dados, bloco de notas, máquina fotográfica, etc.), mas também sobre como recolher os dados no local. A visita ao castelo é centralizada pelo Centro de Interpretação Templário de Almourol (CITA). E inclui a visita ao CITA (ver informação complementar). Debate sobre regras de segurança a ter em conta no percurso e espaço.

B - Ações a desenvolver durante a visita de estudo

Sugestão de alguns recursos didáticos/pedagógicos e instrumentais a serem utilizados na visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas, e que resultam do trabalho desenvolvido previamente com os alunos.

Na visita aqui proposta ao Castelo de Almourol e ao Centro de Interpretação Templário de Almourol podem ser desenvolvidas algumas tarefas, devidamente organizadas e articuladas com o espaço e a proposta de visita guiada. Exemplos:

- B.1.** Registo dos principais aspetos focados pelo guia de acordo com as orientações e os materiais previamente construídos para o efeito e sugeridos em A.9.
- B.2.** Registrar informações que relacionem o castelo, a sua construção, com as ações de reconquista dos cristãos.
- B.3.** Identificar, através de grelhas de observação ou registo fotográfico, as rochas utilizadas na construção e envolventes ao Castelo de Almourol, sobretudo granito e calcário.
- B.4.** Filmar, fotografar ou desenhar o enquadramento paisagístico, alguns sistemas construtivos defensivos e outros pormenores que considerem relevantes e característicos da Ordem dos Templários.
- B.5.** Recolha de dados (medida: comprimento e área, volume e capacidade; ex.: ergue-se a 18 m acima do nível das águas, circunscrito por uma pequena ilha de 310 m de comprimento por 75 m de largura) para posterior criação e resolução de problemas matemáticos.
- B.6.** Encontrar os elementos estudados antes da visita por forma a obter as medidas necessárias à realização dos cálculos projetados. Calcular alturas inacessíveis usando os instrumentos entretanto produzidos.
- B.7.** Descrever a localização absoluta do Castelo de Almourol, usando o sistema de coordenadas geográficas (latitude, longitude).
- B.8.** Analisar no local a Carta Geológica de Portugal, na escala de 1:50.000 - Folha 27-D (Abrantes) (LNEG, 2019) e respetiva notícia explicativa (Gonçalves *et al.*, 1979), e realizar a contextualização geológica do local (Figura 2).

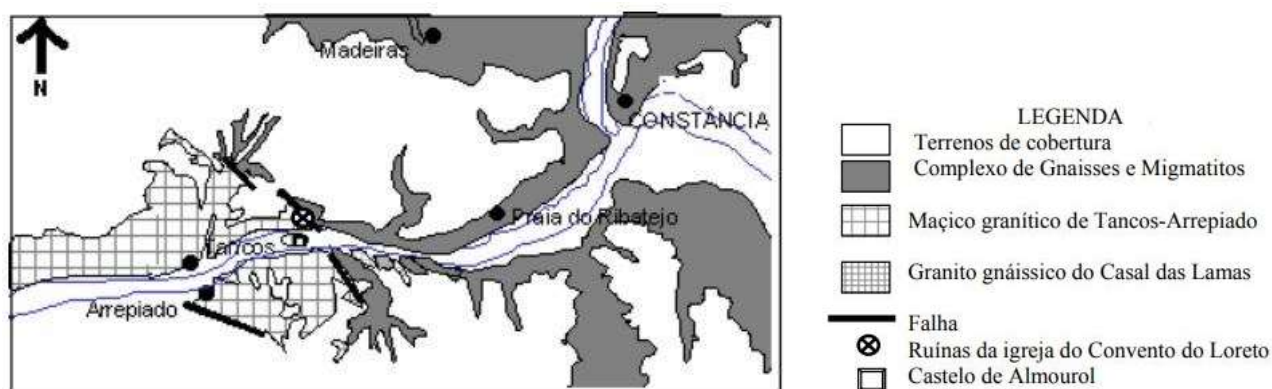


Figura 2. Enquadramento geológico da região onde se localiza o Castelo de Almourol (Fonte: Polidoro, 2004).

C - Ações a desenvolver após a visita de estudo

Sugestão de algumas atividades que orientem os alunos a organizarem e a integrarem a aprendizagem efetuada antes e durante a visita, de modo a responderem à problemática de partida. Apresentar sugestões de índole metodológica e avaliadora das aprendizagens.

C.1. Reflexão do que se viu e vivenciou com recurso a observações efetuadas e ao registo no caderno/bloco de notas.

C.2. Organização e tratamento de dados com resolução de problemas matemáticos. Trabalhar os dados numéricos recolhidos durante a visita, por forma a concretizar as hipóteses de estudo levantadas/colocadas antes da visita.

C.3. Comparar a planta elaborada com a planta disponível no sítio digital do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico, da Direção-Geral do Património Cultural (Figura 3).

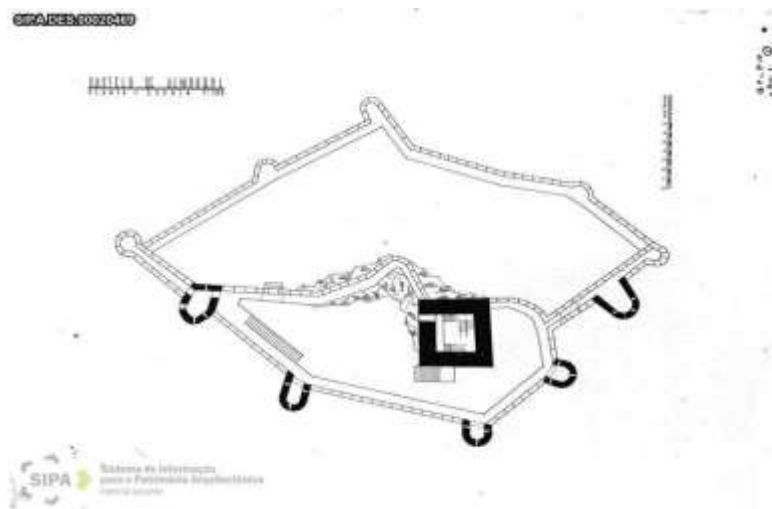


Figura 3. Planta do Castelo de Almourol, escala 1:100 (Fonte: SIPA).

C.4. Pesquisar sobre a herança gastronómica (muçulmana e judaica), em Almourol/Vila Nova da Barquinha, e construir um livro de receitas com ingredientes tradicionais da região. Nesse sentido, preparar a recolha de elementos desse património imaterial. Elaborar uma ficha de recolha do tema selecionado. A este respeito, ver, por exemplo, as fichas complementares que estão a partir da p. 59 na obra *Kit de recolha do património imaterial* (Instituto dos Museus e da Conservação, 2011).

C.5. Organizar uma dramatização à comunidade escolar de uma peça em cenas históricas, no âmbito da problemática, associando a música e a dança.

C.6. Reunir os materiais recolhidos e completar o portefólio com os diferentes contributos, respondendo às questões de partida: Qual a importância estratégica do Castelo de Almourol relativamente ao rio Tejo e ao território nacional? Porquê um castelo no meio do rio Tejo?

AVALIAÇÃO

1. Proporcionar a diversificação de momentos, tipos e instrumentos de avaliação mediante a intencionalidade das aprendizagens.

De acordo com as ações estratégicas de ensino orientadas para o Perfil dos alunos, proporcionar atividades formativas que possibilitem aos alunos, em todas as situações:

- Apreciar os seus desempenhos;
- Estabelecer relações intra e interdisciplinares;
- Saber questionar uma situação;
- Desenvolver ações de comunicação verbal e não verbal pluridirecional;
- Utilizar conhecimento para participar de forma adequada e resolver problemas em contextos diferenciados;
- Desenvolver tarefas de planificação, de revisão e de monitorização;
- Desenvolver tarefas de síntese;
- Elaborar planos gerais, esquemas e mapas conceituais;
- Identificar pontos fracos e fortes das suas aprendizagens;
- Utilizar os dados da sua autoavaliação para se envolver na aprendizagem;
- Descrever as suas opções usadas durante a realização de uma tarefa ou abordagem de um problema.

2. Autoavaliação realizada pelo aluno sobre o desenvolvimento das atividades e competências mobilizadas em cada fase, as aprendizagens adquiridas, com espaço a críticas e sugestões.

3. Avaliação efetuada pelo professor do processo e produtos resultantes das aprendizagens do aluno no portefólio. Valorizar o trabalho de livre iniciativa, a participação em contexto sala de aula e na visita de estudo, incentivando a intervenção positiva no meio escolar e na comunidade.

4. Autoavaliação realizada pelo professor sobre a monitorização das atividades desenvolvidas, do processo de ensino/aprendizagem e da(s) resposta(s) às problemática(s) em cada guião da visita de estudo.

5. Após partilha da avaliação, debate e reflexão conjuntos entre professores envolvidos, alunos e outros intervenientes da comunidade escolar/educativa.

BIBLIOGRAFIA/WEBGRAFIA

- Barroca, M. (2001). Os castelos dos templários em Portugal e a organização da defesa do reino no séc. XII. *Acta historica et archaeologica mediaevalia*, 22, 213-227.
- Fernandes, H.; Rei, A. (2011). "Islam and the Mozarabs", in José Mattoso (dir.), *The Historiography of Medieval Portugal*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais.
- Fernandes, H. (2009). «Dos limites às fronteiras: problemas de escala e funções» in Hermenegildo Fernandes, Isabel Castro Henriques, José Horta e Sérgio Campos Matos (eds.), *Nação e Identidades. Portugal, os Portugueses e os Outros, 157-175*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa/Caleidoscópio.
- Franco, J. E. (2012). "Os Templários e a Ordem de Cristo" in sítio digital do Secretariado nacional da pastoral da cultura. Disponível em http://snpcultura.org/templarios_e_ordem_Cristo.html (acesso em julho de 2018).
- Costa, P.F. da (Conceção e coordenação) (2011). *Kit de recolha de património imaterial*. Lisboa: Ministério da Cultura/Instituto dos Museus e da Conservação. http://www.matrizpci.dgpc.pt/matrizpci.web/Download/Kit/KIT%20Recolha%20Património%20imaterial_Integral.pdf (acesso em agosto de 2018)
- Gonçalves, F., Zbyszewski, G., Carvalhosa, A., & Coelho, A. (1979). *Carta Geológica de Portugal, folha 27-D (Abrantes), escala 1:50.000*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- Instituto dos Museus e da Conservação (2011). *Kit de Recolha de Património Imaterial*. http://www.matrizpci.dgpc.pt/matrizpci.web/Download/Kit/KIT%20Recolha%20Património%20imaterial_Integral.pdf (acesso em agosto de 2018).
- Lewis, B. (2005). *Comment l'Islam a découvert l'Europe*. Paris: Gallimard.
- LNEG (Laboratório Nacional de Energia e Geologia). (2019). Download de Cartografia Geológica, à escala 1:50 000. Disponível em: http://geoportal.lneg.pt/index.php?option=com_wrapper&view=wrapper&Itemid=60 (acesso em janeiro de 2019).
- Polidoro, F. (2004). O megassismo de 1 de novembro de 1755 na região de Abrantes: Aspetos históricos e geológicos. *Zahara – Centro de Estudos de História Local de Abrantes*, 4. Disponível em: <https://www.academia.edu/3776199/Sismos-abrantes> (acesso em julho de 2018).
- Soares, Á. (2014). *Revitalização do Castelo de Almourol* (Tese de doutoramento). Tomar: Instituto Politécnico de Tomar, Escola Superior de Tecnologia de Tomar.
- Teixeira, A. (coord.) (2014, 3ª ed.). *Dornes, o Tesouro dos Templários*. Nossa Senhora do Pranto: Junta de Freguesia de Nossa Senhora do Pranto

INFORMAÇÃO COMPLEMENTAR

[Lenda do Gigante Almourol](#)

[Lenda de Almorolon](#)

Vídeos:

Programa [Visita Guiada](#) intitulado "Templários no Convento de Cristo, em Tomar" (2ª série do programa, episódio nº 7).

Links institucionais de referência:**Castelo de Almourol**

- Património Cultural: [1](#) e [2](#)

Informações sobre o local:

[1](#) - [2](#) - [3](#) - [4](#) - [5](#) - [6](#)

Centro de Interpretação Templário de Almourol

(CITA): "Dispõe de uma sala de exposição permanente, espaço de exposições temporárias e de uma sala de projeção de filmes sobre a temática dos templários. No mesmo edifício funciona também a Biblioteca – Arquivo Templário, que dispõe de um vasto acervo literário dedicado a este tema, fruto das doações de Teresa Furtado e de Manel J. Gandra. (...). Para a criação dos conteúdos do Centro de Interpretação, foram elaborados estudos do património imaterial templário e da idade média, que contribuem para o aprofundamento do conhecimento sobre esta temática. O CITA irá acolher três exposições anuais, com conteúdos associados aos Templários e à sua história".

FICHA

Título: Guião Pedagógico – Vila Nova da Barquinha - Visita de Estudo ao Castelo de Almourol e Centro de Interpretação Templário de Almourol

Âmbito: Plano Estratégico de Desenvolvimento Intermunicipal da Educação no Médio Tejo (PEDIME) - Programa de Visitas de Estudo do Médio Tejo

Editor:

COMUNIDADE INTERMUNICIPAL DO MÉDIO TEJO

Município de Vila Nova da Barquinha

Organização:

Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa



Equipa:

Raquel Henriques (Org.)

Rute Perdigão

António Domingos

Sílvia Ferreira

Susana Gomes

Colaboração:

Centro de Interpretação Templário de Almourol

Data: outubro 2018

Revisão: abril de 2019